

Secretaria chora no adeus

Brasília — Foi um rápido e comovente adeus. Cortando a fila do velório, ajudada por um agente de segurança, a mulher, tentando conter o choro, aproximou-se do caixão. Como o vidro estava embaçado, o segurança limpou-o para que ela pudesse ver, pela última vez, o rosto do Presidente. Assim, de forma quase anônima, Dona Antônia Gonçalves de Araújo, a auxiliar mais próxima do Presidente, despediu-se do amigo.

Demorou-se um pouco olhando fixamente para o rosto de Tancredo. Tentou se afastar, passos lentos e quase desencontrados. Voltou novamente, e ficou mais um tempo, para só então sair, acenando para a família do Presidente que ficara no mezanino.

A despedida de Dona Antônia, de fato, já ocorrera há mais de um mês, quando o Presidente foi internado no Hospital de Base de Brasília. Até a véspera da internação, ela foi uma das pessoas influentes no governo que se formava. Durante 12 a 14 horas por dia, Dona Antônia ocupava ao lado de Tancredo mais do que o papel de uma secretária eficiente. Sua influência tornou-se marcante nos últimos meses da campanha e principalmente quando o Presidente começou a formar seu ministério.

Foi a falta de entendimento entre Dona Antônia e o Senador Affonso Camargo que prejudicou a ascensão deste ao Gabinete Civil da Presidência da República.